

Tempos de AI-5

Quando da edição do AI-5, ficou claro que as universidades eram um dos alvos prioritários dos militares. Dentre as dezenas de aposentadorias impostas em abril de 1969, uma nos atingiu especialmente - a do professor Florestan Fernandes. As atitudes dele serviam de exemplo a todos. Os estudantes, achávamos muito importante a posição, constantemente defendida por ele, da necessidade de vinculação dos recursos financeiros destinados às universidades aos impostos que o governo recolhia mês a mês. Florestan abraçou a ideia desde antes do golpe de 64! Sem autonomia financeira, e cortando verbas, os militares forçavam a cobrança de mensalidades - que sempre tentaram implantar.

O campus da USP estava praticamente ocupado pelo II Exército que, na madrugada de 17 de dezembro de 1968, invadiu o Conjunto Residencial. Um bloco do CRUSP (o bloco G) foi transformado em uma delegacia policial onde eram interrogados funcionários da USP e ex-moradores para a farsa da montagem de um Inquérito Policial Militar. Alguns ex-moradores estavam detidos e havia informações consistentes de práticas de torturas.

Em junho de 1969, em mobilização menor do que aquelas que reagiram às cassações dos professores, ainda fomos às ruas contra a visita de Nelson Rockefeller ao país. Certa noite, Bernardino - presidente da União Estadual dos Estudantes - e eu estávamos a caminho de reunião que decidiria sobre as manifestações. O taxi que nos levava foi parado por uma blitz do Exército na Consolação com o início da Martins Fontes. O militar abriu a porta do fusca sem banco do passageiro, pediu os documentos do motorista, e perguntou se ele nos conhecia. O motorista negou, mas disse que éramos educados. Ato contínuo, o militar perguntou o que havia no pacote que eu levava no colo. Respondi que era um lençol recém comprado e jornais. Comecei a abrir o lençol e o militar me mandou parar e nos dispensou. O motorista, assustado, nos disse que estava com um revólver no porta luvas, e soltou um suspiro de alívio. Não retribuímos a franqueza. Nos jornais havia a proposta para as manifestações em Pinheiros, Santo Amaro e Concórdia! Queiróz nos esperava na reunião. Hoje, as universidades públicas continuam gratuitas e as paulistas (USP, Unesp e Unicamp) após lutas de alunos, professores e servidores técnicos e administrativos, conquistaram a autonomia financeira em 1988 - vinte anos após o AI-5! Bernardino e eu, agora professores, somos participantes dessa conquista. Queiróz está entre nós, mas integra a lista dos assassinados pela ditadura. Éramos todos alunos do mesmo curso.

MacCoes/Campinas - SP